

## **A PRECIOSIDADE NÃO ESTÁ EM UMA COR: A BUSCA PELA FELICIDADE EM *PRECIOSA DE SAPHIRE***

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena (UEPB/PPGLI/CAPES)

A literatura negra possui traços peculiares que a caracteriza, principalmente por se referir à classe minoritária, sendo também o caso da mulher negra. Assim, este tipo de literatura procura na experiência da negrura a força necessária para fazer da linguagem literária o elemento de sua expressão. Nesta perspectiva a literatura negra ocupa o papel fundamental para a desconstrução de estereótipos preconceituosos, que priorizam o lado negativo e submisso dos negros, deixando de exaltar a importância da sua mão-de-obra para a economia do país e a sua coragem de dizer “sou negro com muito orgulho”, mesmo quando esta rebeldia resulte em consequências desumanas. A respeito da importância desta literatura Bernd assegura:

Isto legitimaria uma escritura negra, vale dizer, uma literatura que se propõe a desconstruir o mundo nomeado pelo branco e erigir a sua própria cosmogonia. Seria, em suma, uma literatura disposta a romper um contrato de fala vigente e a buscar uma dicção nova dentro do contexto literário (BERND, 1997, p. 18).

Tanto descaso com a cultura dos povos negros proporcionou uma crise de identidade, pois a ótica dos brancos estava invadindo o “eu” dos negros. Desta forma, a visão do dominador precisaria ser desmistificada e só surtiria efeito se tal passo fosse tomado pelos próprios negros. Desde então a literatura negra busca ressaltar os valores deste povo. Vejamos as palavras de Bernd:

Um verdadeiro modo de ser negro, logo, uma real identidade negra, se construirá na medida em que os negros conseguirem curar-se de sua amnésia cultural e tomarem rédeas de seu destino histórico. Este seria o passo adiante através do qual o negro, deserdado recuperaria a sua “essência de homem”, passando a produzir os meios de sua própria História (BERND, 1997, p.42).

Já em meados do século XIX e início do século XX, o Movimento Feminista se voltava a reivindicações de igualdade de direitos sociais como, por exemplo, o voto, o trabalho fora da esfera doméstica e direito ao estudo. Sendo assim, o termo “Movimento de Mulheres” toma fôlego no âmbito das lutas feministas e seu público abrange grupos de diferentes concepções, entre eles o das mulheres negras (Black Feminism).

Inicialmente os movimentos feministas nos EUA divulgavam a ideia de igualdade entre as mulheres norte-americanas, pregavam que estas tinham as mesmas reivindicações, mas isso não se configurou como verdade absoluta, resultando mais tarde em diversas divisões entre as mulheres que faziam parte do movimento feminista da época. Ao longo do tempo surgiram alguns termos caracterizadores de grupos feministas específicos como o termo *African Womanism* que caracteriza a escrita de mulheres negras e levanta alguns pontos discursivos sobre a estética da escrita de mulheres negras, tais como: o que faz de uma escrita ser feminista? Quais as características de uma *womanist*? Por que a mulher negra tem lutado contra a sua vitimização perante a sociedade?

A escrita das mulheres afro-americanas assume uma postura reflexiva, muitas vezes misturada a processos simbólicos que lhe concedem a voz que na maioria das vezes lhes era roubada, passando a ter várias vozes. É como se ela estivesse falando de várias coisas ao mesmo tempo. Através dessa fala ela pode denunciar, reivindicar, criticar, elogiar, criar e se assumir como sujeito social indispensável para as inter-relações culturais existentes socialmente. Entretanto, esse passo inicial se configurou em um cenário de constantes repressões, como podemos ver nas palavras de Valerie Smith:

In reaction to critical acts of omission and condescension, the earliest practitioners identified ways in which white male, Anglo-American Feminist, and male Afro-Americanist scholars and reviewers had ignored and condescended to the work of black women and undertook editorial projects to recover their writings (SMITH, 1989, p. 370 apud NAPIER, 2000).

Os discursos das feministas negras eram muito criticados não só pelos brancos, mas também pelos homens negros, uma vez que a literatura escrita pelas afro-americanas também era uma literatura reveladora dos seus abusos contra as mulheres de sua própria etnia. As críticas direcionadas às mulheres negras baseavam-se nos relatos de experiências vividas por elas com relação ao gênero, a classe social e a raça. Vejamos o que diz Smith a respeito:

Black feminist literacy theory proceeds from the assumption that Blackwomen experience a unique form of oppression in discursive and nondiscursive practices alike because they are victimized at once of sexism, racism, and by extension classism (SMITH, 1989, p.375 apud NAPIER, 2000).

Mas as questões raciais e de gênero foram determinantes para revelar não só as opressões destinadas às feministas negras, como também para posteriormente conceder-lhes liberdade, mesmo que remota, em relação à fala.

Os textos escritos por essas mulheres eram de certa forma uma volta ao tempo, muitas vezes, à infância, já que na maioria das vezes o conteúdo desses textos eram relatos de suas experiências. Sendo assim, elas usavam a literatura como subsídio para denunciar e revelar os maus-tratos, os preconceitos e a submissão a que foram condenadas as suas antepassadas, como suas avós, tias, e até mesmo as suas próprias mães. É notório que o movimento de mulheres foi de suma importância para dissociar a mulher da condição de sexo frágil. Entretanto, é ainda mais perceptível que o movimento de mulheres negras foi um marco na história dessas mulheres, pois não só as libertou dessas rotulações, mas também as elevou à condição de ser humano. É inadmissível que uma mulher seja cônjuge de um homem e não tenha a liberdade de chamá-lo pelo seu nome, mas seja obrigada a chamá-lo de senhor, a servi-lo como se fosse sua criada e não sua companheira, mas era essa a realidade vivida por muitas mulheres negras da época que tiveram no feminismo negro a fonte de inspiração para que começassem a se impor como sujeito pensante e indispensável para a sociedade.

As mulheres negras brasileiras, mesmo não se rendendo à opressão do racismo, também são vítimas dele pela história de seus ancestrais. Por essa razão elas são vinculadas a um perfil moral depreciativo, como podemos observar abaixo:

Um exemplo gritante de preconceito contra os descendentes de negros é o comportamento dos brasileiros com relação às “mulatas – produto de exportação”. Para grande parte dos brasileiros, as mulatas só são boas de samba e... cama (mais uma herança do passado escravocrata?). As mulatas vivem recebendo “cantadas”, desde as mais gentis às mais grosseiras. Algumas se sentem lisonjeadas, outras acham isso um desrespeito (VALENTE, 1987, p. 36).

A realidade do grupo feminino afro-descendente é mais complexa do que imaginamos, porque os seus problemas estruturam-se numa proporção multiplicativa envolvendo os pilares do equilíbrio da personalidade. Sujeitas a esses constrangimentos,

As mulheres negras e as mulatas, em geral, sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres. Discriminadas fora e dentro do grupo negro... O machismo é uma doença que atinge todos os homens independentemente de cor (VALENTE, 1987, p. 36).

O exemplo a seguir, igualmente constrangedor, ressalta mais uma vez o ataque veloz à integridade da mulher negra, dessa vez pelos telespectadores. Sabemos que os meios de comunicação, sendo formadores de opinião, influenciam na opinião popular. Isso significa que quebrar paradigmas fortemente concretizados requer muita estratégia. Notemos o impacto da apresentação televisiva do envolvimento de uma negra com um branco, mesmo sendo na ficção:

Quando foi ao ar uma novela em que a Zezé Mota namorava Marcos Paulo (um ator branco), o número de cartas enviadas aos jornais sugerindo, entre outras coisas, que ele lavasse a boca com “cândida” (água sanitária) cada vez que a beijasse foi imenso (VALENTE, 1987, p. 30).

As concepções sociais são transgressoras, podendo ser benéficas ou não para determinados grupos. O curioso é que as classes marginalizadas dificilmente são favorecidas. Por exemplo, as mulheres negras, pobres e submissas, parecem até que nascem predestinadas a terem uma vida de servidão e a ter suas vozes silenciadas, é como se elas fossem invisíveis para a sociedade, a menos que elas próprias decidam lutar contra essa sociedade patriarcal, falocêntrica e opressora, como é o caso da personagem do romance *Preciosa* aqui analisado que luta por melhores condições de vida e vive em busca da felicidade.

O romance *Preciosa* é uma narrativa epistolar em que a protagonista que também se chama *Preciosa* registra todos os acontecimentos de sua vida em um diário, ela faz uso da escrita de si para denunciar os abusos sexuais sofridos durante a adolescência, cometidos por seu próprio pai, denunciando também os maus tratos que sofria por parte de sua mãe.

O gênero epistolar caracteriza-se pelo tom testemunhal, através de registros autobiográficos, possuindo a estrutura de uma narrativa em que, por meio dos relatos, torna possível que as ações sejam transmitidas no momento em que acontecem. Esse tipo de gênero se estrutura na obra como um relato dos fatos da vida da personagem *Preciosa*, é um registro confessional dessa personagem, registro esse que contribui para a construção de sua personalidade e de sua identidade como ser humano. A linguagem empregada é diferenciada, pois não usa a norma culta e sim uma escrita rústica e simplória, repleta de erros gramaticais e regionalismos, pois a personagem ainda estava passando pelo processo de aquisição da linguagem escrita na escola. Ao transformar a oralidade em escrita epistolar, *Preciosa* aproxima a modalidade escrita da modalidade

falada, o que garante a sua identidade. No romance epistolar onde a narrativa é registrada através do diário, são os fatos mais íntimos e particulares das personagens que nos são apresentados:

Em busca desta escritura de foro íntimo, voltamo-nos para o diário. A princípio não destinado à publicação, este olhar de um sujeito lançado sobre um objeto, revela, em especial, no diário inglês, se comparado com o francês, com menor pudor e reserva da intimidade da família, os defeitos da esposa, as referências às crianças, as confidências, as infidelidades, os amores fortuitos (VALENTIM, 2006).

Na literatura epistolar, as denúncias sociais nos são apresentadas através da escrita de si. As personagens narram o que vivenciam em alguns casos, elas são vítimas de preconceitos raciais, de abusos sexuais. Enfim, elas encontram na escrita epistolar um meio de externar a sua intimidade.

É o que acontece com *Preciosa*, heroína de *Push*, esta é uma adolescente de 12 anos de idade que, é vítima de vários preconceitos. Passa pelo processo de exclusão escolar, já que fora vítima de abusos sexuais que culminaram em gravidez por duas vezes. Isso acarreta grande deficiência no rendimento escolar, o que faz com que ela repita a mesma série algumas vezes:

Eu levei bomba quando tava com 12 anos por causa que tive um neném do meu pai. Foi em 1983. Fiquei um ano fora da escola. Esse vai ser meu segundo neném. Minha filha tem Sindro de Dao. É retardada. Levei bomba na segunda série também, quando tinha 7 anos, Porque não sabia ler (e ainda mijava nas calças). Eu devia ta na décima primeira série, estudando pra ir pra décima segunda série pra poder me formar. Mas não to. Tô na nona série (SAPPHIRE, 2010, p. 11).

Essa conjuntura faz com que ela também comece a se autodepreciar, repetindo o discurso pejorativo dos outros para consigo. Mesmo em certos momentos ela se acha burra demais, já que esse é o conceito que fazem dela, tanto seus colegas na escola, como principalmente a sua mãe em casa:

Monga parece espanhol, né? É, foi por isso que eu escolhi esse nome, mas na verdade é diminutivo de Mongoloide Sindro de Dao, que é o que ela é; às vez é o que eu acho que eu sou. Às vez eu me sinto burra demais. Feia demais, não valendo nada. Eu podia ficar sentada aqui com a minha mãe todo dia, com as janela fechada, vendo TV; comer, ver TV; comer (SAPPHIRE, 2010, pp. 46-7).

Mesmo sofrendo preconceitos na escola, para *Preciosa* o espaço escolar é o único refúgio que ela tem para se livrar dos maus tratos da mãe todos os dias e ficar longe do pai, que costumava abusar dela desde que era uma criança. A insistência de

*Preciosa* em continuar se submetendo aos processos de letramento faz com que ela supere todos os obstáculos. Transferida para um centro de aprendizagem alternativo, uma espécie de escola para pessoas com grandes dificuldades de aprendizagem, ela conhece a Srta. Rain, a professora que inicia, de fato, o seu processo de aprendizagem, através do letramento e lhe ensina a ler pela primeira vez, uma frase completa aos 16 anos de idade:

\_\_ Praia \_\_ mas não tenho certeza, conheço o P de “praia”, e não tem P nessa palavra. Ela diz: \_\_ “Litoral”, essa palavra é “litoral”, é quase como “praia”, muito bem, muito bem. \_\_ Depois ela fala em voz baixinha que nem um gato ronronando (eu sempre quis ter um gato):  
\_\_ Você consegue ler a frase inteira?

Eu digo:

\_\_ Um dia na praia.

Ela diz muito bem e fecha o livro. Sinto vontade de chorar. Sinto vontade de rir. Quero abraçar e beijar a Srta. Rain. Ela faz eu me sentir bem. Eu nunca tinha lido nada antes (SAPPHIRE, 2010, p. 67).

Em seguida, o letramento de *Preciosa* passa a acontecer todos os dias, através do registro dos acontecimentos do seu dia em uma espécie de agenda, por sugestão da Srta. Rain. Através de seu diário, *Preciosa* dá seus primeiros passos em busca de um futuro melhor, escrevendo as letras do jeito que sabe, com sua escrita rudimentar, mas que contava com a supervisão da professora para um dia atingir a perfeição na escrita:

A Srta. Rain sabe que a Monguinha é minha filha porque eu escrevi no diário. Tô feliz porque to escrevendo. Tô feliz porque tô na escola. A Srta. Rain diz que a gente vai escrever todo dia, isso quer dizer em casa também. E ela vai escrever de volta todo dia. Que legal! (SAPPHIRE, 2010, p. 75)

A personagem começa a entender a importância que o letramento e a escrita têm na vida das pessoas. Percebe que a família também deve ser uma instituição formadora, que os primeiros processos de letramento devem ser estimulados pela família, por isso pratica a leitura e aproveita para falar com o seu neném ainda um feto em seu ventre, passando para ele a importância que tem a escrita e a leitura:

Escuta neném, mamãe ama você. Mamãe não é burra. Escuta neném:  
ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ.

Isso é o alfabeto. Vinte e seis letra. As letra faz palavra. As palavra é tudo (SAPPHIRE, 2010, p. 80).

*Preciosa* começa a perceber que todo cidadão precisa ter uma profissão e o letramento é a principal ponte para a profissionalização de alguém. Ela, então, começa a

ter uma visão mais articulada da dimensão social do letramento, o que fica claro no fragmento a seguir:

9 de janeiro de 1989

To um ano na iscola eu gosto da iscola eu amo mina pofesora

(Tô um ano na escola eu gosto da escola eu amo minha professora)

Apendi muito. Li livos, cuido de ciansa meçe no comutado

(Aprendi muito. Li livros, cuido de criança, mexo no computador)

Srta. Rain eu qria arraga um tabalo bom apede tabala no comutado

(Srta. Rain eu queria arranjar um trabalho bom aprender a trabalhar no computador)

Araga apatameto PA mim e Monguinha e o Abdul

(Arranjar apartamento pra mim e Monguinha e o Abdul)

Srta. Rain eu peguto por qe eu?

(Srta. Rain eu pergunto por que eu?) (SAPPHIRE, 2010, pp. 103-04).

O diálogo entre o educador e o educando torna ainda mais enriquecedor o processo de letramento na escola, é o que acontece entre a Srta. Rain e *Preciosa*:

Querida Srta. Precious,

Você levanta meu dia! Você simplesmente não sabe como adoro ter você na minha turma, como eu amo você, ponto final. E sinto orgulho de você; toda a escola sente orgulho de você.

Tenho certeza de que você vai poder arranjar um emprego quando tirar seu DEG. E talvez sua assistente social ajude a encontrar um bom lugar para você, a Monguinha e o Abdul.

Não sei o que você quis dizer com a pergunta: “Por que eu?” Por favor, explique.

Srta. Rain 9/1/89 (SAPPHIRE, 2010, p. 104).

Quando a escrita passa a fazer parte do cotidiano de *Preciosa*, ela começa a perceber que, com a ajuda da sua professora, ela está evoluindo. A cada dia, ela melhora as letras e diminui os desvios do ponto de vista gramatical:

27/2/89

A Srta. Rain diz agora mais, muito mais. Ela qer mais de mim. Mais do que 15 minuto e escreve de volta. Diz pra eu andar com ele. Eu pergunto: Com o *diário*? Ela diz, É, anda com o diaro. Aonde você for, o ~~diaro~~ diário vai. Você sabe eu vô andar com Abdul etc., levo o diário, escrevo coisa no diário.

To apedendo muito: dos dois. Duas palavras 2 diferetes. Cada uma ~~diferete~~ diferente da outra. Mal mau. Duas palavras mal.

Istoria.

Quando não ~~conei~~ consigo escrever uma palavra a Srta. Rain diz pra eu botar o som da primeira letra c\_\_\_ e desenhar uma linha. Isso quer dizer consigo. Depois ela escreve na linha a palavra direita pra mim (SAPPHIRE, 2010, p. 113).

Dessa forma, ela se vê cada vez mais próxima da inclusão social, de conseguir um emprego e recuperar a dignidade que lhe fora roubada, inclusive pela própria família.

\_\_ De jeito nenhum! \_\_Grito. \_\_Eu vou tirar meu DEG, vou conseguir um emprego e um lugar para mim e pro Abdul , depois vou pra faculdade. Não quero ser “auxiliar doméstica” de ninguém (SAPPHIRE, 2010, p. 137).

Desta forma, verificamos que o letramento foi um subsídio para que *Preciosa* pudesse enxergar que através da leitura e da escrita, seria possível mudar o rumo da sua vida tão sofrida, alcançando o seu lugar social, recuperando a sua voz. Para jovens como ela, a escola representa um espaço capaz de devolver-lhe a autoestima e de dar-lhe dignidade e cidadania, conquistas que lhe dão uma liberdade de expressão que ela nunca tivera.

Nossa heroína, se mostra uma mulher forte e determinada desde a adolescência, nunca desistiu da sua felicidade e mesmo vivendo em um ambiente familiar desestruturado nunca desistiu de ser feliz, de sonhar com um futuro melhor para ela e para os seus filhos que também são filhos do seu pai, frutos de violência sexual, como já havíamos dito antes, ainda muito jovem ela se comporta como uma mulher e, luta em prol de sua própria causa, sonha com um diploma o DEG que poderá lhe proporcionar um emprego num futuro próximo, sonha em conquistar sua própria casa e poder ter um lar junto aos filhos.

A personagem representa inúmeras mulheres silenciadas e esquecidas, que durante boa parte da vida não consegue se impor e se estabelecer enquanto filha, mãe, profissional, enfim enquanto gente, com direitos iguais as demais pessoas, representa também diversas mulheres negras que foram abusadas, ridicularizadas, humilhadas pelos homens, não apenas os homens brancos, mas também os homens de sua própria etnia, o negro, e o pior algumas vezes muito próximos delas, como no caso aqui analisado, o pai.



Mas ela também representa a mulher emancipada, capaz de lutar por seus direitos, para recuperar a voz, poder ir e vir, passar a ser enxergada pela sociedade e, o mais importante nunca desistir dos seus sonhos e das suas metas, percebendo que a partir do momento que a mulher tem acesso a linguagem escrita ela começa a interagir socialmente podendo conquistar muitas coisas, inclusive a sua tão almejada felicidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAS**

A personagem Preciosa teve sua vida marcada pela exclusão social, foi impedida de frequentar a escola no período adequado para qualquer pessoa, que é durante a infância e a adolescência. Mas como pudemos perceber ao longo de nossa pesquisa, a força de vontade e a determinação são características próprias dela. Vimos que a leitura e a escrita sempre foram seus objetivos, pois ela sabia que era essencial se mostrar como um sujeito pensante diante de uma sociedade tão opressora.

Preciosa passou a enxergar o letramento como um subsídio para o empoderamento, uma vez que, em muitas ocasiões, teve que se calar diante de todos os que a oprimiram por um longo tempo e que a humilharam por ela ser mulher, negra e pobre.

Ao longo do trabalho, abordamos o processo de retomada da própria dignidade de Preciosa e a consequente visibilidade da mulher negra, analisando a sua posição na sociedade, enquanto enquadramos o letramento na vida dessa personagem como uma ferramenta para a sua liberdade de expressão. Maculada pela violência doméstica, a personagem aqui analisada teve a sua identidade, sua confiança e sua sexualidade aprisionadas no âmago de uma busca por afirmação como sujeito social que só pode vir à tona quando lhes foi descerrado o véu do conhecimento. Portadora de potencialidades que não foram devidamente aproveitadas no tempo certo, a adolescente Preciosa encontrou no letramento um poderoso aliado para que mais adiante pudesse assumir papéis sociais mais relevantes: como alguém que tem todas as probabilidades de arranjar um emprego e viver dignamente ao lado dos filhos que, definitiva ou provisoriamente lhes foram tirados. Resumindo: fé, dignidade e esperança em dias melhores é o saldo positivo do letramento na vida dessa mulher. Isto se confirma pela incontestável relação de afinidade que existe entre o *saber* e o *poder*.

## REFERÊNCIAS

BERND, Zilé. *Negritude e Literatura na América Latina*. São Paulo: Mercado Aberto, 1997.

SAPPHIRE. *Preciosa*. Tradução Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SMITH (1989, p. 369) apud NAPIER, Winston. *African American Literary Theory*. NY: NUP, 2000.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. *Ser negro no Brasil hoje*. 16º Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

VALENTIM, Claudia Atanzio. *O romance epistolar na literatura portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdades de Letras, 116 fls mimeo. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, 2006.